

# Assessores do presidente Barack Obama buscam política adequada à nova realidade do mundo árabe

Publicada em 02/03/2011 às 23h37m

Fernando Eichenberg

••••• • **DÊ SEU VOTO**

**MÉDIA: 5,0**

**Share 4**

WASHINGTON - A onda sísmica insurgente vem derrubando no norte da África regimes autoritários antes aliados da Casa Branca. Em anexos do Salão Oval, assessores do presidente Barack Obama estão mergulhados na elaboração de bases de sustentação para uma nova política externa na região que se acomode aos interesses americanos, não contrarie os anseios da população insurgente e não abale relações já estabelecidas com parceiros estratégicos.

- Os EUA estão tentando mudar sua imagem na região, e Obama possui algumas vantagens em relação a outros presidentes, como a de poder acompanhar o fluxo da História. Ele tem de fazer ajustes em movimento, e manter os dedos cruzados para que surjam dessas revoltas regimes moderados, democráticos e com legitimidade. Ainda é difícil saber em que medida os novos líderes emergentes serão aliados da política externa de Washington - assinalou James Hershberg, historiador da Universidade George Washington.

**Ainda é difícil saber em que medida os novos líderes emergentes serão aliados da política externa de Washington**

Hillary Clinton teme que Líbia vire reduto da al-Qaeda e se torne 'Somália gigante'

Ao mesmo tempo em que se posiciona ao lado dos que lutam por sociedades livres de líderes autoritários, os EUA serão obrigados a calibrar suas relações com regimes autocráticos aliados, como o da Arábia Saudita, uma questão complexa, segundo Christopher Preble, diretor do programa de Política Externa do Instituto Cato. Para ele, os EUA estão diante de um novo desafio, pois "haverá impulsos em competição" ( Pressão continua até Kadafi renunciar ) .

- Por um lado, os EUA querem ser o campeão da democracia. Por outro, há a preocupação com eventuais indisposições com os novos governos a serem formados na região. Mas a maioria das insurreições, certamente o caso do Egito e da Tunísia, não sublinhou um componente antiamericano ( Kadafi diz que invasão provocaria milhares de mortes ) .

Na visão de analistas, a abordagem da política externa americana nesse momento de transição em turbulência será fundamental para definir o futuro papel dos EUA na região. Hershberg assinala que o Egito não é o Irã, "mas todos se recordam do que ocorreu lá após a queda do xá, em 1979". Segundo ele, um ponto crucial será a atitude americana face à crise na Líbia e a solução a ser encontrada para acabar com a violência das forças de Muamar Kadafi.